Resenhas

Sociabilidades, política, cultura e história: a corte imperial e os espaços públicos

autor Marco Morel
cidade São Paulo
editora Hucitec
ano 2005

A pesquisa apresentada neste livro por Marco Morel¹ é versão revisada da sua tese *La formation de l'espace public moderne à Rio de Janeiro (1820-1840): opinion, acteurs et sociabilités*, defendida na Universidade de Paris I (Pantheón-Sorbonne) em 1995.

Morel, em “As transformações dos espaços públicos: imprensa, atores políticos e sociabilidades na Cidade Imperial, 1820-1840”, apresenta-nos várias chaves de leitura para um período histórico efervescente do Brasil – o primeiro reinado e as Regências. Com esse livro, o autor traz para pesquisadores e pesquisadoras, especialmente do âmbito da história, importantes contribuições para o debate desse campo. O livro também é um convite para quem quer conhecer mais sobre a multifacetada constituição do Estado brasileiro.

O trabalho de Morel requer leitura atenta, porém prazerosa, pois sua escrita possibilita interação com o leitor. A opção de manter as transcrições dos documentos originais – mesmo em francês, sem a tradução – não prejudica o entendimento do texto, uma vez que há um trabalho muito bem feito na construção textual, de modo que somos sempre remetidos às transcrições trabalhadas.

Com a “Cidade Imperial” do Rio de Janeiro como recorte geográfico, no período de 1820 a 1840, o autor conduz o leitor a uma “navegação” inquiridora por um mar de situações complexas. Nessas situações, a imprensa e os agentes políticos fizeram parte de redes de sociabilidades, modificando os espaços por onde se fizeram presentes.

1. Marco Morel é professor do Departamento de História da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

O autor estruturou o livro em três núcleos: “As palavras em cena, ou como edificar uma nação após a Revolução (Francesa)”, “Os construtores da opinião: um perfil coletivo” e “Formas de sociabilidade”. A primeira parte é composta de três capítulos: “As revoluções nas prateleiras da Rua do Ouvidor”, “Identidades políticas: além das intrigas da Corte” e “As três soberanias: Exaltados, Moderados e Restauradores”. A segunda parte dividiu-se em: “Rio de Janeiro, cidade imperial”, “Trajetórias da ‘nobreza cultural’” e “Em nome da opinião pública: a gênese de uma noção”. Na terceira parte, os capítulos “A *Voz Popular* através dos manuscritos, gritos e gestos”, “*Luzes*, sombras e divisões entre maçonarias” e “Dinâmica das associações”, são a essência da pesquisa.

É entorno do movimento das *palavras*, *atores políticos e sociabilidades* que o trabalho se desenvolve de modo que envolva o leitor nas tramas dos espaços públicos embasadas em um referencial teórico-metodológico alicerçado em cinco eixos (Habermas, Koselleck; Rosavallon; Chartier, Roche, Bordieu; Agulhon, Farge; Guerra), que permitiram ao autor imersão na história política e cultural.

A atuação do livreiro e editor francês, Pierre Plancher, no Rio de Janeiro conduz-nos, inicialmente, para um trabalho de fôlego que se verificará ao término da leitura. Ao percorrer os ambientes de sociabilidades desse livreiro – na França e no Brasil –, o autor identifica sua atuação no círculo de comercialização de impressos e as relações estabelecidas com as elites das cortes francesa e brasileira. Esse livreiro é considerado agente cultural e comercial por ter exercido papel importante nas esferas privada, pública, literária e do Estado.

A relevância dos impressos para compreender os universos cultural, educacional, político e histórico tem sido cada vez mais enriquecedora na pesquisa histórica. Com esse trabalho, Morel vem corroborar ainda mais, de forma clara e objetiva, ao trabalhar com os jornais (impressos de circulação mais ampla). Ele parte da hipótese de que uma das facetas desse instrumento de formação de opinião teria funcionado como estratégia para a construção do Estado nacional. Nesse processo, “as identidades políticas” forjaram-se em um intenso debate em que os jornais foram *locus* privilegiado.

Essas identidades, permeadas de complexidade, recebem de Morel tratamento meticuloso na análise de documentos como os enviados pelos diplomatas franceses para seus superiores: as “cor-

respondências diplomáticas do Quai D’Orsay”. Esses documentos possibilitaram ao autor apreender uma visão externa do debate na constituição política brasileira no período, uma vez que esses diplomatas foram atentos observadores da cena política brasileira. Outro ponto importante levantado foi o vocabulário utilizado pelos grupos políticos – Exaltados, Moderados e Restauradores – para autodenominarem-se e a seus adversários. Esses grupos empregavam metáforas, em que animais, monstros e atribuições de anomalias fizeram parte de um léxico político, que exacerbava atritos e disputas pelo poder, em uma permanente tensão que envolvia “códigos locais e vocabulários políticos”, em uma clara evidência de tentativas de enquadrar, controlar e dominar.

Uma das teses do autor é a de que teria ocorrido no Brasil uma herança² da Revolução Francesa em que os impressos exerceram importante papel mediador de idéias advindas das *luzes*. Ponto significativo levantado foram os valores dos livros e periódicos negociados pela livraria; do editor e livreiro francês Pierre Plancher. Foi tentando entender o que as pessoas liam que o autor chegou aos catálogos dessa livraria, em sua análise, conseguiu conhecer diversos grupos letrados do Rio de Janeiro no período, apreendendo “seus gostos, pontos de interesse, profissões, padrões culturais”, em que novas formas de sociabilidades se constituíam pós-abdicação de d. Pedro I.

A opinião pública que aí se erguia, na construção dos espaços públicos, funcionou como “instrumento de legitimidade política”. Na formação dessa opinião, diversos sujeitos transitaram por espaços em que se circunscreveram médicos, jornalistas, bacharéis de direito, dentre outros.

Na cidade do Rio de Janeiro, que tinha como uma das suas características espaços públicos tradicionais, nos quais diferentes atores circularam, Marco Morel problematiza a geopolítica cultural desses espaços em que a rua foi um espaço privilegiado para “fazer política”, em que todos, incluindo-se aí aqueles que não tinham influência nas decisões do poder, tinham, de certa forma, uma participação. As ruas, desse modo, repletas de uma diversidade histórica,

2. O autor trabalha com a noção de “herança” e não “influência” francesa, por considerar que a noção de influência submete uma lógica de passividade dos grupos que entram em contato com a cultura francesa, idéia da qual não compartilha.

social, cultural, econômica e política, figuraram como importantes espaços para a “organização da nacionalidade” que se instituiu.

Chamados de formadores de opinião pública, os “homens de letras” agiram de forma contundente na imprensa, participando ativamente do processo de formação nacional. Na cidade imperial, esses homens, oriundos principalmente de cursos universitários portugueses, franceses e ingleses, com formação predominante em direito e medicina, puseram em prática suas idéias e visões de mundo na busca de um “progresso para o Brasil”. Seus percursos mostraram como suas vidas foram marcadas por momentos de alternância entre certo “enquadramento político” e a “liberdade” de manifestar suas opiniões. “Estes homens de letras apresentavam-se como cidadãos e escritores ativos, como construtores da opinião que almejava levar a sociedade a algum tipo de progresso e de ordem nacional” (p. 218).

Na terceira parte do livro, é trabalhado o ponto essencial do estudo, as “sociabilidades”. Apesar de não conceituar explicitamente *sociabilidade*, o autor apresenta alguns elementos para entendermos essa noção, como a proliferação de associações, o estudo de agentes históricos, o movimento associativo, o espírito filantrópico e a base quantitativa. Aspecto que muito vem contribuir para o desenvolvimento na atualidade de pesquisas que voltam o olhar para essa dimensão que, décadas atrás, tinha essa problemática como algo praticamente marginal. É na construção das tipologias das sociabilidades, que o leitor é apresentado com uma refinada análise permeada de apontamentos para continuidades possíveis de pesquisas no Brasil. O teatro e a rua, sociabilidades “informais”, e as associações, “sociabilidades formais”, mereceram atenção especial do autor. Nesse ponto, destacam-se as associações maçônicas, que corresponderam a 42% das associações identificadas. É interessante observar a circulação dos maçônicos por outras instituições nas quais demarcaram pertencimentos múltiplos em que permearam nesses outros espaços maneiras outras de pensar.

Pensar as estratégias de grupos das elites brasileiras, para manterem-se ao mesmo tempo ligadas ao poder imperial, e com alguma liberdade de expressão da opinião em suas alianças, alarga nosso entendimento desses grupos, particularmente pelo fato de muitas vezes tendermos a vê-los de forma homogênea. Além disso, no caso

do Primeiro Reinado, para manter certa coesão desses grupos, o imperador não abriu mão de lançar mecanismos, como as condecorações, para tentar agradar determinados grupos, que de certo modo os colocava sob seu olhar disciplinador, mostrando redes de negociação na busca por uma legitimidade.

Vale indicar também outros livros do autor que ajudam no “desbravamento” da história do Brasil. *Frei Caneca, entre Marília e a Pátria* (1987); *Cipriano Barata na sentinela da liberdade* (2001); *Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX* – este em co-autoria com Mariana Gonçalves Monteiro de Barros (2003) – e *O período das Regências* (2003).

Marileide Lopes dos Santos
Mestranda no Programa de Pós-Graduação: Educação
Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação da
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Pesquisadora
do Grupo de Estudos e Pesquisa em História da Educação
(GEPHE). Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento
Científico e Tecnológico (CNPq).

Endereço para correspondência:
Rua Geraldo de Oliveira, 56 – Vila Fazendinha
Belo Horizonte-MG
CEP 30250-458
E-mail: marileidels@yahoo.com.br

Recebido em: 29 nov. 2006

Aprovado em: 4 dez. 2006